



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Ana Caroline de Azevedo e Silva


Professora pesquisadora da própria prática: um desafio

São Gonçalo

2009

Ana Caroline de Azevedo e Silva

Professora pesquisadora da própria prática: um desafio



Monografia apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de pedagoga, no curso de pedagogia, da Faculdade de Formação de Professores, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Jacqueline de Fátima dos Santos Morais

São Gonçalo

2009

Ana Caroline de Azevedo e Silva

Professora pesquisadora da própria prática: um desafio

Monografia apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de pedagoga, no curso de pedagogia, da Faculdade de Formação de Professores, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora: _____

Prof^ª. Dr^ª. Jacqueline de Fátima dos Santos Morais (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores da UERJ

Prof^ª. Dr^ª. Jonê Carla Baião (Parecerista)
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira. CAP-UERJ.

São Gonçalo

2009

DEDICATÓRIA

Às minhas mães.

À minha avozinha querida, Lormira de Oliveira - in memoriam -, que sempre esteve (e está!) presente nesta longa caminhada.

À minha amada mãe, Marta Regina, que dedicou sua vida à minha criação e à minha felicidade.

AGRADECIMENTOS

Esta monografia só foi possível graças a algumas pessoas especiais, que estiveram ao meu lado ao longo deste último ano.

Meu mais profundo agradecimento à Deus. À Ele toda honra e toda a glória! Obrigada, Pai, pela força nos momentos de mais profundo desânimo; por ter se mostrado presente, mais do que nunca, neste período tão decisivo da minha vida.

A minha gratidão à Prof^a. Dr^a. Jacqueline de Fátima dos Santos Morais. A senhora foi fundamental na produção deste trabalho. Obrigada por compartilhar esta experiência comigo.

O meu muito obrigada à Escola SOL. À minha gratidão à Teresa Fernandes, por ter sempre acreditado no meu trabalho. Todo o meu amor àqueles que me fizeram educadora: Flávio Marchi, Laura Braune, Mariana Simão, Matheus Cunha e Miguel Marra. Obrigada por me ensinarem tanto.

À minha mãe, Marta Regina, agradeço por ser sempre tão presente. Obrigada, mãezinha, por compartilhar todos os momentos da minha vida. Te amo querida e, dedico todas as minhas vitórias à você!

“A experiência produz conhecimentos. A experiência vivida constitui a única fonte do verdadeiro saber”

Heloísa Marinho

RESUMO

SILVA, Ana Caroline de Azevedo e. *Professora pesquisadora da própria prática: um desafio*. 53f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2009.

Este trabalho narra acontecimentos ocorridos durante o meu primeiro ano de experiência profissional, a partir da convivência com minha turma de alunos e contato com meus colegas de trabalho. Decidi utilizar meu primeiro ano de prática docente, e tudo aquilo que envolve meu dia-a-dia profissional, como pontos de partida para reflexões acerca de minha prática. Almejei, com este trabalho, realizar uma pesquisa no cotidiano. A partir do *locus* privilegiado, que é o espaço escolar, conhecer mais e melhor as especificidades da educação.

Palavras-chave: Professora pesquisadora – Pesquisa no cotidiano – Narrativas.

ABSTRACT

This work narrates the events during my first year of professional experience, from living with my class of students and contact with my colleagues. I decided to use my first year of teaching practice, and everything that involves my day-to-day work, as points of departure for reflections on my practice. Longed, with this work, perform a search in daily life. From the privileged *locus*, which is the school environment, learn more and better special education.

Keywords: Teacher researcher - Research the daily - Narratives.

SUMÁRIO

	NARRAR É PRECISO...	9
1	MINHA ENTRADA NA ESCOLA SOL	19
2	ALGUMAS EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA SOL	31
2.1	O Jornal Solar	32
2.2	O Sarau Literário	41
	POR FIM...	48
	REFERÊNCIAS	51

NARRAR É PRECISO...

O tédio é o pássaro de sonho que choca o ovo da experiência. O restolhar nas folhagens afugenta-o. Os seus ninhos - aquelas atividades intimamente ligadas ao tédio - já desapareceram nas cidades, nas províncias desmoram-se também. Deste modo se perde o dom de escutar, e se vai extinguindo a comunidade dos que escutam. Contar histórias é sempre a arte de as contar de novo, que se vai perdendo quando as histórias já não são retidas (1985:204-205).

Com as palavras de Walter Benjamin, expostas em *O Narrador*, decido iniciar esta produção, pois considero bem representar as causas da paralisia que, por vezes, atordoia meus pensamentos.

Escrever acerca de momentos importantes em minha formação-atuação docente, a princípio parecia-me fácil. Não consigo compreender as razões pelas quais as palavras fogem de mim, de meus dedos, teclas e tela do meu computador.

A dificuldade de selecionar e escrever acerca das experiências vividas, levaram-me a refletir o quão complicado é falar a respeito de nós mesmos. Por inúmeros motivos, deixamos de expor o que *nos passa* (LARROSA, 2002). Deixamos de comunicar o que nos acontece, o que nos toca. *A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece* (Ibid. p.21). Inúmeros fatores contribuem para isso. Como nos aponta Larrosa:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Ibid. p.24).

Para Benjamin, a modernidade traz a lógica da fragilidade das experiências humanas. O modo de viver atual, segundo ele, contribui efetivamente para o declínio das experiências coletivas. Temos perdido o hábito de narrar nossos acontecimentos. Talvez por isso, haja a necessidade de voltarmos a expô-los. *A arte de narrar está em vias de extinção* (BENJAMIN, 1985:197). Por este motivo, percebemos a importância dos relatos e da valorização daqueles momentos, seja dentro ou fora dos muros escolares, onde se rompe com a lógica contemporânea e valoriza-se as experiências do sujeito.

À medida que deixamos de narrar, histórias tendem a perder-se. *As histórias se perdem quando não são conservadas* (Ibid. p.205). O ato de relatar e registrar fatos cotidianos permite que nossa memória se preserve do esquecimento, como já nos apontou Walter

Benjamin. Creio que a escrita de monografias como esta, contribua para a preservação de histórias como a minha, que se constitui ao mesmo tempo individual e coletivamente, uma história que se tece com a participação de muitos.

Fazemos parte de um mundo repleto de estímulos, com inúmeros acontecimentos e exigências. Vivemos, atualmente, mediados por uma necessidade de produção. Nos impõem que a todo o instante estejamos realizando algo. O ócio é uma atividade indesejada nesta conjuntura moderna. Contrário a este ponto de vista, o sociólogo italiano Domenico de Masi defende as horas livres como estímulo à criatividade e alfineta impiedosamente aqueles que desperdiçam seu tempo. O mesmo autor afirma, que não sabemos desfrutar das horas livres porque não fomos educados para isso.

A escola e a família só nos preparam para o trabalho, não nos preparam para o tempo livre. Ninguém nos diz como escolher um filme. Ninguém nos diz como escolher uma ópera. Ninguém nos diz o que ouvir nem como ouvir música. Ninguém nos ensina a curtir as pessoas (MASSI, em entrevista a RESENDE, s.a.).

Segundo ele, devemos aprender a ocupar nosso tempo livre com atividades que tragam prazer e agreguem valor. Devemos tornar o ócio uma atividade produtiva.

Hegemonicamente, não nos é dada a possibilidade de, por minutos que seja, diminuir o ritmo frenético que orienta nossos dias e pensar a respeito de nossas atividades. Na maioria das vezes, não temos tido a possibilidade de narrar o que nos passa, descrever, contar com riqueza de detalhes os acontecimentos de nosso dia-a-dia, muito menos refletir sobre eles. Narrar memórias é defender e viver o ócio criativo e produtivo, de que nos fala Massi.

Pelo mencionado, este trabalho pretende se voltar à essência da narrativa e refletir acerca de maneiras pertinentes a uma ação distinta das que vem sendo apresentadas como naturais. Devemos reaprender a narrar, partindo dos acontecimentos de nosso dia-a-dia. Em meu caso, especificamente, pretendo narrar o corrido durante o meu primeiro ano de experiência profissional, a partir da convivência com minha turma de alunos e contato com meus colegas de trabalho.

Narrar acontecimentos de nossa vida e, principalmente, refletir sobre eles, pede que nos exponhamos ao outro. Falar sobre si é muito mais do que falar simplesmente. Como dizia Clarice Lispector:

entregar-se a pensar é uma grande emoção, e só se tem coragem de pensar na frente de outrem quando a confiança é grande (...) Além do mais, exige-se muito de quem nos assiste pensar: que tenha um coração grande, amor, carinho, e a experiência de também se ter dado ao pensar (19 –).

Considerada por Lispector como fundamental, a confiança permite que nos exponhamos aos outros sem receios. Confiar vem do latim *con fides*, isto é, com fé (Cunha,

2007:126). A confiança, portanto, é uma questão de fé, de fidelidade, de lealdade. Nos entregamos a algo, ou a alguém, quando os mesmos se mostram merecedores de nossa fé, de nossa crença. Como em todos os aspectos da vida, narraremos nossas experiências àqueles que nos ouvirão com compreensão.

Com todas as limitações que enfrento neste momento, questiono-me se consigo dizer quem realmente sou neste texto, apontar o que me fez optar pelo que escolhi, tanto em relação as minhas preferências profissionais, de vida e temática monográfica, dizer o que me levou a eleger os caminhos que trilhei até hoje. Acredito que para essas indagações poderemos levantar algumas hipóteses, mas não muitas certezas. Sou a soma de inúmeros acontecimentos, cada um deles me *passa e me modifica*, como já dizia Jorge Larrosa (2002:26).

Tendo consciência da dificuldade de falar acerca do que já me passou, tomo a liberdade de mais uma vez utilizar as palavras desta literata, natural da Ucrânia, que se definia como uma *pessoa com um coração que por vezes sentia, que pretendia pôr em palavras um mundo ininteligível e impalpável, sobretudo, uma pessoa cujo coração batia de alegria quando conseguia retratar em frases fatos humanos* (1998:58):

Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados. Ah que medo de começar e ainda nem sequer sei o nome da moça. Sem falar que a história me desespera por simples demais. O que me proponho contar parece fácil e à mão de todos. Mas a sua elaboração é muito difícil. Pois tenho que tornar nítido o que está quase apagado e que mal vejo (Ibid, p.19).

Percebendo a dificuldade de converter experiências pessoais em palavras, frases e texto, recorro à citação de Lispector para justificar este momento. A insegurança de não conseguir traduzir o vivido em palavras justas, impede bem realizar um processo autoral de produção de conhecimentos. O medo do fracasso, da incompetência, impede que consigamos, como convida Paulo Freire, em suas inúmeras obras, *tomar a palavra* e escrever nossa história.

Não podemos deixar que nossas experiências se dissipem com o tempo. Registrar os acontecimentos significativos da vida é fundamental para a construção de uma história pessoal. Com esta intenção produzo a minha monografia. Esta produção se faz necessária, também, para inscrever e legitimar os conhecimentos que a minha ação docente produz e, portanto, deve compreender e comunicar.

A fim de refletir sobre quem realmente sou, buscarei entrelaçar, nas linhas que seguem, a minha história. Uma biografia escrita, sobretudo, com intuito de aperfeiçoar minha

prática profissional e lapidar a docente que vem se construindo desde o início do curso de formação de professores, há oito anos atrás.

Nasci na cidade do Rio de Janeiro; porém, foi em Ponta Negra, bairro litorâneo do município de Maricá que tive a felicidade de crescer. Com alguns meses de vida, retornei a terra onde há anos minha família materna reside e onde minha mãe teve a alegria de passar sua infância e juventude. Cresci cercada da natureza, rodeada de animais, livre para correr e brincar. Meio a familiares, inúmeras árvores, canteiros floridos e plantações, pude desfrutar de uma infância singular.

Tive a sorte de crescer num lar amoroso. Com minha mãe e minha avó aprendi muitas coisas, adquiri valores morais, compreendi a importância dos estudos. Desde pequenina contei com suas atenções. Sempre tive a companhia de primos. Nos dias de sol intenso, tomávamos banho sob a copa das árvores frutíferas que dão sombra a todo o grande quintal que rodeia nossas casas; disputávamos corridas de bicicleta ou sobre pés de lata. Ao entardecer, sentávamos sobre o pequeno murinho que cercava a varanda da casa de vovó, para ouvi-la contar histórias. Eram horas de intensa conversa e aprendizagem.

Mamãe, apesar do intenso ritmo de trabalho, sempre reservou momentos para brincarmos e conversarmos. Todas as noites, após uma cansativa rotina de serviços, lia-me um conto. Com um tom de voz musicado, narrava histórias como a da *“princesinha que todo o reino esperava”*, a bela adormecida; do bonequinho de chocolate que, para fugir de uma perseguição, jogou-se numa poça d’água e dissolveu-se; a do Pinóquio, boneco de madeira que ao se tornar menino foi mandado à escola...

Intrigava-me saber que Pinóquio, para quem tudo era novidade, deu ouvidos a raposa e distanciou-se do caminho escolar, mesmo alertado pelo astuto grilo. Tipicamente traçoeiro, nos enredos dos contos de fada, a raposa indagou ao novo menino o *“porquê ia à escola, se havia tantos lugares bem mais alegres do que este?”*.

Diferentemente do boneco de Gepeto, nenhuma *raposa* questionou a vitalidade das instituições de ensino que estudei. Foram cinco, ao todo, incluindo a Faculdade de Formação de Professores, onde no último semestre de dois mil e nove, me graduei como pedagoga. Esses espaços passaram-se intensa significação, neles apreendi diversos saberes escolares, por intermédio de recursos didáticos específicos para esta função. Minhas escolas sempre foram locais de ‘alegria’, que permitiram que a felicidade de aprender estivesse em mim presente.

Minha escolaridade foi cursada parte em escola pública municipal, educação infantil; parte em escola particular, ensino fundamental; e restante final, em escola pública estadual, curso de formação de professores e graduação em pedagogia. Nessas escolas compreendi a

educação como forma de liberdade, liberdade intelectual acima de tudo. Guardo em minha memória ótimas recordações vividas entre os muros escolares. Talvez seja por isso, que desejo proporcionar a outros sujeitos, experiências tão significativas quanto as que vivi.

Ser educadora sempre foi uma escolha, nunca uma falta de opção. Desde o início, tive a certeza que desempenharia este ofício. Analiso minha profissão como singular. Acredito que, se a bem desempenhar, poderei alcançar diferentes áreas da vida dos meus alunos. Muitos, porém, entendem ser função docente apenas a transmissão de conteúdos. Acredito, particularmente, que ser educadora é muito mais que ensinar a decodificar códigos ou calcular. É meu papel mediar esses conhecimentos escolares citados, porém, acredito numa educação maior que essa, que forme mais que bons alunos. Sempre acreditei numa escola que medie a formação de bons sujeitos, que apresente valores necessários à vivência coletiva.

Concordo plenamente com Paulo Freire quando afirma que *mudar é difícil, mas é possível* (2002:31). É complexo modificar toda uma estrutura de desigualdade, tanto escolar, como socialmente. Por isso estudo. Estudo para compreender as complexidades existentes em nossa sociedade e as possíveis soluções para essas problemáticas. Não compreendo aqueles que, *estudam descomprometidamente como se misteriosamente de repente nada tivesse que ver com o mundo, um lá fora e distante mundo, alheado de nós e nós dele* (Ibid. p.31).

Já na graduação, no processo de formação, compreendi o verdadeiro e doloroso significado desta última citação. Cumprindo o estágio supervisionado, numa escola do município de São Gonçalo, deparei-me com uma lastimável situação. Fomos, minha turma, orientados a estagiar numa instituição de ensino que nada remetia ao desejado por futuros profissionais da educação.

Deparamo-nos com uma enorme estrutura, de um CIEP, totalmente abandonada. Um espaço sem utilidade real para a comunidade carente que a rodeava. As crianças que lá estudavam não recebiam minimamente o desejado. Essa desestruturação escolar refletia claramente na dinâmica das salas de aula, não existia planejamento, atividades que proporcionassem uma aprendizagem prazerosa. Limitavam-se a expor conteúdos a partir de cartilhas.

Lembro-me que, junto com meus colegas de disciplina, questionávamos como crianças tão pequenas aprenderiam a ler e escrever, inseridos numa sala de aula tão sem vida e numa escola tão desestimulante, onde não era comum observar textos circulando, jornais, revistas, poemas, avisos... As cartilhas e cópias ditavam o ritmo da aprendizagem daqueles alunos e reduzia a qualidade do ensino.

Todo o observado tocou-nos de tal forma que, não víamos a hora de interferir naquela problemática.

Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente... **constato não para me adaptar, mas para mudar**. No próprio mundo físico minha constatação não me leva a impotência (grifo nosso) (FREIRE, 2002:30).

Nos poucos momentos que tivemos a oportunidade de, na prática, contribuir com a aprendizagem daqueles meninos, desenvolvemos atividades que atraíram a atenção e os seus interesses. Digo ‘poucos momentos’ pois, a professora que orientou nosso estágio instrui-nos a apenas observar e analisar o colégio, não interferir naquela realidade.

A rebeldia é ponto de partida indispensável, é deflagração da justa ira, mas não é suficiente. A rebeldia enquanto denúncia precisa de se alongar até uma posição mais radical e crítica, a revolucionária, fundamentalmente a anunciadora. A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho (Ibid, p.31).

Num momento de indignação, com a lastimável situação do CIEP, propomos formas de melhorar seu dia-a-dia. Recordo-me que, sugeri pensarmos num projeto que buscasse soluções para toda aquela problemática observada. Uma colega continuou enfatizando a necessidade de, ao menos, providenciarmos materiais escolares para que aqueles alunos, no mínimo, tivessem a possibilidade de fazer as atividades sugeridas pela professora. Para nosso espanto, nossa digníssima docente doutora, com extenso currículo, porém pouca *experiência*, no sentido que nos aponta Larrosa, respondeu-nos que: *“a nós compreende o papel de fazer que a aprendizagem pedagógica daqueles alunos seja bem sucedida. Não é nossa função levar lápis ou borrachas para aqueles que não os têm. Isso compete a uma assistente social”*.

Novamente retornando ao conceito de experiência, exposto pelo autor anteriormente citado, como *aquilo que nos passa e que nos modifica*, analiso como essencial a minha formação e a minha prática docente ter conhecido essa realidade tão dura e, infelizmente, habitual. Principalmente, ter convivido como uma pessoa, legitimada pela academia, que tem como comprovar sua prática e enorme qualificação profissional, porém, não possui nenhuma sensibilidade com o próximo. Com um próximo que não é tão próximo assim. É muito mais fácil nos sensibilizar com o sofrimento e a carência daqueles com quem convivemos. Incomum, porém, como ocorreu nesse caso, é ter compaixão, no sentido estrito da palavra, *‘sofrer com’* alguém que consideramos inferiores ou subalternos a nós.

Até hoje me sensibilizo com as situações que presenciei neste colégio, acredito que por muitos anos, quem sabe para sempre, hei de lembrar deste estágio. Tenho a consciência de que fiz tudo o que estava ao meu alcance. Se não realizamos mais, foi por que ‘forças

superiores' impediram-nos de realmente *estar* naquela escola, fizeram-nos tão somente observar a deterioração daquela instituição e a destruição do futuro daquelas crianças.

Esta experiência fez-me compreender que a educação deve ser encarada como um ato político, uma forma de politização, de conscientização e luta por verdadeiras mudanças. Devemos vê-la como uma via de discussão e percepção acerca da violência e da profunda injustiça que caracterizam situações concretas. Mais ainda, que essas situações não são *destino certo ou vontade de Deus, algo que não pode ser mudado* (FREIRE, 2002:31).

Para tantas inquietações, acerca das dificuldades educacionais, busquei uma alternativa: por aproximadamente um ano, fiz parte de um grupo de pesquisa, liderado pela professora doutora Jacqueline Morais. Este grupo tinha por objetivo resgatar, através de narrativas e fontes documentais, a história do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, o CAP-UERJ, a partir de uma parte de sua história: a das práticas alfabetizadoras.

Foram meses de extrema aprendizagem e enriquecimento intelectual. Compreendi que, como o mestre Paulo Freire apontava, *não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazerem se encontram um no corpo do outro* (Ibid, p.14).

Freire, em suas obras, enfoca a relevância do ato de pesquisar. Apresenta sua importância, no processo de construção de conhecimentos, no aperfeiçoamento do docente e no desenvolvimento do ensino. Tais produções se tornaram constantes em meu dia-a-dia. Procurei com essas leituras, construir um subsídio teórico capaz de sustentar as teorias que acredito, como a importância do professor ser um pesquisador, um investigador capaz de se mobilizar com pequenos indícios, grande parte das vezes desprezados.

Professores e pesquisadores, geralmente são pessoas distintas. Existem aqueles que teorizam a sala de aula e suas nuances, e outros que põem em prática o que esses elaboram através de uma imaginada realidade educacional, por vezes distante. É necessário que ambos, os que atuam e os que pensam a educação, sejam um só e dêem forma a um professor-pesquisador, que observe com atenção o *locus* privilegiado que mantém contato todos os dias: sua sala de aula, seus alunos e principalmente, sua desenvoltura pedagógica.

Um professor-pesquisador não surge do nada, do acaso. Ele é construído através de uma prática reflexiva. Um professor-pesquisador está sempre em busca de conhecer mais, de aperfeiçoar sua prática a cada dia. Este processo de instrumentar-se para realizar funções, permite que além de desenvolver um trabalho com destreza, associemos à experiência técnica, conhecimentos teóricos.

Após este período de intensa aprendizagem, tive a oportunidade de vivenciar o dia-a-dia escolar estagiando numa instituição de ensino niteroiense. Nesta escola compreendi

melhor a dinâmica educacional que, segundo minha opinião, só é possível conhecer estando inserido em tal ambiente.

Foram meses de grande conhecimento, pois lidava diretamente com alunos, professores, orientadores e gestores escolares. Fui contratada para desenvolver projetos educacionais na biblioteca da escola, dar suporte a pesquisas, tanto bibliográficas como digitais.

No tempo que lá permaneci, tentei o máximo possível aprender com todos que convivi. Observei bastante o corpo docente da instituição e acima de tudo, busquei aprender com as crianças que diariamente solicitavam minha ajuda em suas atividades e pesquisas. Surpreendeu-me a quantidade de alunos que recorriam ao acervo bibliotecário, em busca de fontes que pudessem responder suas dúvidas. Os discentes mostravam-se muito questionadores e interessados em aprender.

Em meados de março de dois mil e nove, surgiu a oportunidade do meu primeiro emprego. Fui contratada para ser professora da turma do quinto ano, do ensino fundamental, na Escola Sol.¹

Percebendo a necessidade de produzir um trabalho monográfico relevante à minha formação, comecei a pensar em maneiras possíveis de unir meu ofício à confecção de uma monografia. Nunca foi meu objetivo fazer um trabalho apenas por obrigação, burocraticamente. Desde o início da faculdade desejei produzir algo que realmente tivesse a ver com aquilo que eu acredito, com o que eu vivo... Não gostaria de restringir minha produção a cópias de autores renomados, a um texto sem personalidade, sem a minha cara.

Por tudo, decidi utilizar meu primeiro ano de prática docente, e tudo aquilo que envolve meu dia-a-dia profissional, como os acontecimentos rotineiros de minha sala de aula, alunos, colegas de trabalho, expectativas, frustrações... como pontos de partida para reflexões acerca de minha prática.

Desejei, a partir do concreto, do que vivi diariamente, levantar hipóteses e buscar respostas para tantos questionamentos que surgiram. Almejei, com este trabalho, realizar uma pesquisa no cotidiano. A partir do *lócus* privilegiado que é o espaço escolar, conhecer mais e melhor as especificidades da educação. Temos, porém, que nos ater a um aspecto: estive incluída, mergulhada, em meu objeto de análise, chegando, às vezes, a me confundir com ele. No lugar dos estudos ‘sobre’, de fato, aconteceram os estudos ‘com’ o cotidiano.

¹ Saberemos mais a respeito desta instituição ao longo desta monografia.

Somos, no final de tudo, pesquisadores de nós mesmos, somos nosso próprio tema de investigação. Então, em nossos estudos “com” os cotidianos das escolas, no lugar de perguntas como: que significa essa atitude? Que quer dizer esse cartaz? Que significa esse texto? Qual o sentido dessa fala? Devemos perguntar: que leituras “eu” faço desse cartaz, texto ou fala? Assim, em nossos estudos “com” os cotidianos das escolas, há sempre uma busca por nós mesmos (FERRAÇO, 2007:80-81).

Apesar de pretendermos, nesses estudos, explicar os ‘outros’, no fundo estamos nos explicando. Buscamos nos entender fazendo de conta que estamos entendendo os outros, mas nós somos também esses outros e outros ‘outros’. Por vezes, quando nós nos explicamos, pensando que explicamos os outros, falamos coisas próximas daquelas que queremos explicar. Mesmo assim, ainda somos os sujeitos explicados em nossas explicações. E com essas explicações nos aproximamos das explicações dos outros.

A importância dos professores serem pesquisadores a partir de sua prática constituiu-se o tema deste trabalho monográfico. Pois, o problema principal a ser abordado apresentou-se no desafio que é agir dessa forma. Já que, por vezes, desprezamos os pequenos acontecimentos de nossas salas de aula. Por inúmeros motivos agimos assim. O ritmo frenético que orienta nossas vidas, a constante falta de tempo para sentir o que nos passa, a diminuição, senão extinção, do ato de narrar nossos acontecimentos, são alguns dos fatores que permitem que diminua os momentos onde contamos e analisamos o que nos acontece.

Com este trabalho objetivo relatar o meu primeiro ano de experiência profissional, apresentar narrativas do que vivi na prática durante este período e problematizar alguns pontos desses acontecimentos. Com esta monografia acredito que contribuo para a escrita de outros trabalhos como este, que se estrutura a partir da prática, fundamenta-se com a teoria, e que permite que consigamos ver de maneira esclarecedora os acontecimentos do dia-a-dia escolar.

No próximo momento desta monografia, no primeiro capítulo: ‘*Minha entrada na Escola SOL*’, apresentarei detalhadamente o espaço escolar onde desenvolvi este trabalho. Relatarei as peculiaridades da Escola SOL, instituição de ensino que leciono e onde pude vivenciar momentos importantes à minha formação profissional e pessoal. Além de uma descrição estrutural, física, buscarei atentar à metodologia de ensino escolhida para orientar todas as suas atividades. Dessa forma, superficialmente, objetivo compreender em que seu método de ensino, o Natural, se difere daquele tradicionalmente visto em salas de aula.

Abordarei a possibilidade de identificarmos uma instituição de ensino, a partir de sua estrutura física, das marcas que apresenta. Focarei, portanto, na impossibilidade de um espaço

ser neutro, desprovido de significado. Dessa forma, compreenderemos que todos os ambientes, inclusive as escolas, são organizados para atender a lógicas e objetivos.

Dois momentos dividirão o segundo capítulo de minha monografia. Nele relatarei e problematizarei algumas experiências que vivi com meus alunos. As mesmas, de alguma forma, modificaram a minha postura docente.

A primeira delas diz respeito a produção de um jornal coletivo. Com o nosso jornal, com o Jornal Solar, desenvolvemos um rico trabalho, que nos trouxe inúmeros benefícios. Com ele, além de melhorar o nível intelectual das crianças, aumentamos a auto-estima dos alunos do quinto ano.

Na segunda narrativa encontra-se informações acerca de um ‘evento cultural’ realizado em nossa sala de aula. A partir de um conteúdo escolar, estruturamos e realizamos um sarau literário. Este encontro fez-nos aprender mais a respeito dos diferentes tipos de contos, e compreender a importância de se aproveitar inúmeras situações em benefício do trabalho docente.

Por fim, concluirei esta monografia. Buscarei relatar a importância deste trabalho para minha formação docente. Da mesma forma, compreender a prática como um espaço privilegiado de construção de conhecimentos, somente nela podemos estruturar aprendizagens relevantes.

Este trabalho monográfico além de possibilitar reflexões acerca da minha prática, permitiu que eu registrasse momentos de profunda importância afetiva. Nesta escola, com esses alunos, construí o início de minha vida profissional. Tranquilo-me pois, além da minha memória, esta produção preservará os fatos aqui inscritos.

Capítulo I

MINHA ENTRADA NA ESCOLA SOL

No ano de dois mil e nove tive minha primeira experiência profissional. Essa prática deu-se como professora regente de uma turma de alunos do quinto ano, do ensino fundamental, numa escola particular do município de Niterói.

Assim que contactada para uma entrevista, percebi reais possibilidades de fazer parte do corpo docente dessa instituição. A vontade de vivenciar na prática, tantas teorias aprendidas ao longo dos cursos de formação docente – curso normal e faculdade de pedagogia – era grande demais e uma certa expectativa teimava em fazer-se presente.

No dia e horário combinado, frente aquela instituição de ensino, observava o ritmo, a dinâmica da escola que, futuramente, faria parte da minha história de vida profissional, e pessoal. Por cima de seus muros prateados, podia-se espiar a bonita fachada da casa que abriga essa instituição escolar.

Neste mesmo dia, soube que seu nome, SOL², mais do que simples representação gráfica do ‘*astro rei*’, busca resumir a filosofia dessa instituição. Da mesma forma, fiquei sabendo que o desejo de sua fundadora, que a vinte e seis anos dirige a escola, foi criar um espaço onde florescesse uma educação significativa. Segundo Teresa Fernandes, que é psicóloga por formação, essa almejada educação parte da união de três itens fundamentais: Saúde, Orientação e Liberdade, fatores que deram nome ao seu sonho.

Durante minha entrevista, conheci um pouco da história e dos objetivos almejados para a Escola SOL. Dona Teresa, como sempre a chamei, desde o primeiro momento que a vi, deixou claro, já neste momento, que buscava uma profissional de ensino diferente. Segundo ela, sua escola precisava de uma professora comprometida com a educação e disposta a trabalhar de forma diferenciada em sala de aula.

Por ter um método de ensino orientador em sua escola, o Método Natural, seus docentes deveriam utilizá-lo como suporte a todas as atividades pedagógicas que lecionassem. Segundo a diretora, esse método procura relacionar os conteúdos curriculares às necessidades, interesses e características individuais dos alunos. Busca desenvolver as potencialidades dos discentes, principalmente a partir da experimentação e de atividades artísticas.

² Mantive o nome verdadeiro da escola.

O Método Natural fundamenta-se nos princípios de educação através da arte, que consiste no oferecimento de estímulos sócio-ambientais específicos, que visam à reprodução do processo natural e espontâneo de construção dos esquemas de leitura no ser humano, que se dá através das motivações, potencial e linguagem do aluno (RIZZO, 1998).

Ao saber do método de ensino da escola, imediatamente informei que não o conhecia. O pouco que havia estudado sobre ele, limitava-se a um quadro histórico de sua idealizadora, a professora Heloísa Marinho.

Tinha conhecimento da importância pedagógica dessa profissional. Sabia que a mesma tinha integrado *não só a instituição mais importante de formação de professores da República, o Instituto de Educação do Rio de Janeiro, como um grupo de educadores que representava a vanguarda da educação brasileira* (LEITE FILHO, 19 -:1).

Discípula de Lourenço Filho e Anísio Teixeira, Heloísa Marinho foi uma referência na área da educação infantil. Sua carreira se estruturou sobre um rico trabalho coletivo, desenvolvido por um grupo de educadores interessados por uma '*Escola Nova*'.

Segundo Rizzo (1998), o movimento escolanovista, influenciado, principalmente, pelo filósofo norte-americano John Dewey, acreditava que a educação era, verdadeiramente, o elemento eficaz na construção de uma sociedade democrática. Esse movimento opunha-se às práticas pedagógicas tidas como tradicionais, visando uma educação que pudesse integrar o indivíduo à sociedade e, ao mesmo tempo, ampliar o acesso de todos à escola.

Em meio a muitos estudos e pesquisas, Heloísa Marinho estruturou e coordenou, no Instituto de Educação, o Centro de Estudos da Criança. Esse espaço fomentou pesquisas acerca da fase '*pré-primária*' do ensino e buscou contribuir com a formação de profissionais especializados para atuar com esta modalidade educacional.

Foram muitos os estudos e as pesquisas realizadas neste espaço. Entre tantas, Marinho empenhou-se em compreender os *Métodos de Ensino da Leitura* (1944). Com esta pesquisa, decorrente de alguns estudos anteriores sobre a linguagem, percorreu temáticas voltadas a aprendizagem da leitura e da escrita e, finalmente, começou a estruturar o Método Natural.

Conforme sua própria idealizadora apontou: esse método de ensino *integra interesses espontâneos das crianças em exercícios programados necessários à aprendizagem da leitura e da escrita* (MARINHO apud LEITE FILHO, 19 -:12). Dessa forma, a partir de vivências naturais, a aprendizagem da linguagem e a estruturação do pensamento se constituem.

Eu conhecia de maneira limitada o Método Natural. Para lidar com ele, porém, precisaria estudar e compreender suas especificidades. O que ocorreu mais a diante.

Dona Teresa acalmou minha preocupação, contando o porquê optou por esta metodologia como norteadora do ensino e da aprendizagem de seus alunos.

Ao começar a estruturar a criação de sua escola, viu a necessidade de buscar um método de ensino diferente do tradicional, daquele que *se limita a certas atividades e acaba limitando a aprendizagem de seus alunos*.

Em suas palavras podíamos perceber a insatisfação com os sistemas educacionais que teimam em continuar com a forma tradicional de transmissão de conhecimentos. Por acreditar que nada está pronto, acabado, e que, especificamente, o conhecimento não é, em nenhuma instância, algo terminado, ela optou pelo Método Natural. Sempre foi seu desejo ter uma metodologia que orientasse seus alunos a agir, operar, criar e construir a partir da realidade vivida por eles em conjunto com o grupo.

A mesma diretora continuava, com ênfase, a afirmar que o conhecimento se constitui pela interação com o meio físico e social, com o mundo das relações sociais, se constitui por força da ação do sujeito. Dessa forma, sua escola esperava facilitar o desenvolvimento pleno de seus alunos e a incorporação dos conteúdos escolares através da compreensão de sua utilidade no cotidiano e na vivência em situações significativas.

Após expor um pouco daquilo que acredita ser indispensável à sua escola, me tranquilizou em relação ao domínio do método, dizendo que se adaptar a ele seria fácil e dar-se-ia como seu nome, naturalmente.

O espaço físico da escola era relativamente pequeno. Como já exposto, uma casa comporta a Escola SOL. Atualmente, são ao todo dezesseis cômodos: cinco salas de aula, uma sala de artes, um espaço voltado à leitura, outro ao ensino da informática, um laboratório de ciências, dois ambientes destinados à parte administrativa, uma ampla cozinha e quatro banheiros, dois deles em cada andar da casa. Além desses espaços, um pátio circula toda a construção da escola, uma casinha de bonecas e uma grande caixa de areia destacam-se meio a muitas cores e formas.

Por toda parte podíamos ver trabalhos confeccionados pelos alunos. Os murais eram todos, da mesma forma, elaborados pelas crianças. Nas salas de aula, também, observávamos muitas produções expostas.

Toda aquela exposição me encantou. A orientadora do colégio, Soraia Corrêa, me disse que tudo, exatamente tudo, era feito pelos alunos. Eles eram os autores e os produtores de conhecimento.

Para onde quer que se olhasse, podia-se observar imagens e textos. Um ambiente estimulante era disponibilizado a todos os alunos, desde o maternal às crianças do quinto ano. Todos, sem exceção, cresciam meio a uma realidade que demonstrava a importância do mundo letrado. Desde a tenra idade, ousavam ler e escrever mesmo quando não sabiam.

Aprendiam que a leitura e a escrita faz-nos mais que indivíduos neste mundo, capacita-nos a sermos sujeitos atuantes em nossa sociedade.

Quinze funcionários davam conta dos trinta e cinco alunos matriculados nesta instituição. A fundadora e diretora da escola, defendia um acompanhamento individual aos discentes. Segundo ela, era desejável no máximo quinze crianças, por sala de aula, para que o professor conseguisse observar a evolução individual de cada aluno e criasse meios para desenvolver suas capacidades.

Neste primeiro momento, a Escola SOL parecia-me muito ‘interessante’. Não consigo com outro adjetivo descrever o que senti ao ser contratada para lecionar naquela instituição. Surpreendente começar minha carreira profissional numa escola tão significativa, numa instituição que pensava nos seus discentes como *sujeitos* e não como *indivíduos*.

Se disser que sonhei que trabalharia numa escola como esta: com um método alternativo, distinto dos habituais, dos tradicionais, que pensa nos seus alunos com sujeitos complexos, repletos de especificidades que deverão se analisadas com atenção, a fim de dar conta da aprendizagem e formação dos mesmos, admito que não, que nunca ousei pensar em algo como tal.

Sempre almejei estar numa sala de aula e fazer a diferença neste grupo, trabalhar com meus alunos de forma diferenciada e proporcioná-los uma sólida aprendizagem. Ter uma turma, trabalhar da maneira que sempre desejei e, ainda mais, estar inserida numa escola que tem uma filosofia educacional com objetivos definidos e semelhantes aos meus, foi uma oportunidade única que não deixei passar.

Para conseguir bem desempenhar minha função, busquei, verdadeiramente, conhecer e compreender um pouco da metodologia de ensino que norteava todas as atividades da Escola SOL.

O Método Natural é um método de alfabetização de base linguística e psicológica. Estrutura-se a partir da oralidade, busca leituras que partam do conhecimento internalizado das palavras, em relação a sua estrutura, e, principalmente, defende o respeito a fase do desenvolvimento cognitivo em que as crianças se encontram (RIZZO, 1981).

Sua alfabetização se dá por palavras-chave. Desse modo, palavras são destacadas de frases ou textos, desmembradas em sílabas e re combinadas, a fim de formar novos vocábulos.

Uma série de recursos pedagógicos específicos buscam facilitar a aprendizagem dos alunos. A *caçada*, a *preguiçinha* e o *sentenciador* destacam-se entre eles. A *caçada* é um procedimento de rotina na análise fonética de palavras (Ibid, p.121). Segundo a semelhança do som inicial de alguma palavra que os alunos conheçam, é pesquisado, através de recortes

de jornais ou revistas, ou retratados por desenhos, outras palavras que comecem com o mesmo som inicial da palavra selecionada. Na imagem ao lado podemos observar o exemplo de uma *caçada*. Nela, cada aluno fixou uma gravura correspondente a uma palavra iniciada com a letra 'd'. Visto que, a palavra principal, a que começou essa atividade, foi 'dinossauro'.

Depois disso, as crianças, individualmente, conforme a imagem selecionada, enunciarão o nome de sua palavra, para que a professora possa escrevê-la.

Num segundo momento, de forma lenta, a mesma criança repetirá a palavra. A *preguiçinha*, como é chamada essa maneira especial de leitura, tem por objetivo permitir que os discentes ouçam, com atenção, a pronúncia de cada verbete.

Para finalizar, uma última leitura permite que se laxe, com hidrocor colorido, a letra trabalhada, em nosso exemplo a letra 'd'.

Cada palavra nova vai imediatamente para o *sentenciador*. Esse recurso permite que se formem frases completas. A composição e a leitura de frases no *sentenciador* é um trabalho diário, onde figuras devem substituir palavras desconhecidas, a fim de não limitar a expressão de idéias do aluno.



Imagem retirada do site:
www.gildarizzo.com.br



Imagens retiradas do site:
www.gildarizzo.com.br

Esses recursos, anteriormente citados, contribuem para a ampliação do repertório linguístico dos alunos (RIZZO, 1981:122). Eles, conjuntamente, permitem que as crianças aprendam mais acerca da leitura, da escrita e da gramática da língua portuguesa. Tantas outras atividades possibilitam esse mesmo objetivo. Os jogos lógicos, a arte e a ciência, com ênfase na realização e observação de experiências, são outros três pilares que sustentam a construção de conhecimentos, por intermédio do Método Natural.

Com esses três últimos recursos tive mais contato. Os mesmos fizeram parte do desenvolvimento de meu ano letivo. De uma forma diferenciada, mas ainda ligada aos seus princípios, o Método Natural desenvolve-se para o ensino fundamental. Nesse caso, o que se destaca é a possibilidade de um trabalho diversificado. Ainda neste capítulo abordarei esta questão.

Em meu primeiro dia de trabalho, cheguei algumas horas antes do horário do início das aulas, para conseguir conhecer melhor a escola e, especialmente, a sala de aula onde a partir daquele dia trabalharia.

A sala do quinto ano possuía três mesas, e em cada uma delas havia quatro cadeiras. Havia dois grandes murais laterais, onde poucas coisas estavam fixadas, e outros dois murais bem menores, destinados apenas aos lembretes. Em três chapas metálicas, com ajuda de imãs, encontravam-se cartões com a previsão do tempo, o calendário e os nomes dos alunos, a chamada. Havia cinco estantes de madeira, três delas com os materiais individuais dos alunos: livros e cadernos; outra com os materiais do professor: livros de consulta, gramáticas, dicionários, atlas... todo o material necessário para o desenvolvimento das aulas. Numa quinta estante, bem menorzinha, encontravam-se os materiais de uso diário e coletivo: lápis, borrachas, apontadores, régua, lápis de cores, hidrocores, gizes de cera, tintas... Num pequeno quadro-de-giz mantinha-se, ainda, escrito a rotina da última aula.



Fotos: Arquivo Pessoal

Chamou-me a atenção a existência de sete caixas coloridas sobre as estantes. Nelas estavam fichas com atividades, separadas por áreas do conhecimento: Interpretação de texto, Gramática da Língua Portuguesa, Matemática, Resolução de Problemas, História, Geografia e Ciências. Com o tempo, ficaria sabendo as suas reais funções.



Foto: Arquivo Pessoal

Com a ajuda dessas fichas anteriormente citadas, os alunos têm a chance de se desafiarem a realizar atividades, assim que o professor os oriente. Autonomamente, as crianças escolhem um exercício –ficha– correspondente à matéria que vem sendo abordada em aula, fazem a marcação de seu número de ordem, numa tabela de acompanhamento, localizada no final de seus cadernos e

resolvem questões acerca do conteúdo disciplinar abordado pela turma. Essa estratégia didática busca revisar os diversos conteúdos escolares aprendidos. Ela é utilizada diariamente, e serve como suporte ao trabalho escolar.

Pelo método da escola, apostar na liberdade de escolhas e no respeito aos diferentes ritmos de aprendizagem, é que ele privilegia o *trabalho diversificado*. Esse tipo de atividade *obtem a disciplina natural decorrente do interesse despertado no aluno pela atividade escolhida e conseqüentemente e espontaneamente, sua atenção plena dirigida à realização da mesma* (RIZZO, 1998:56).

O *trabalho diversificado*, além de permitir a construção de conhecimentos, incute, nos alunos, um senso de responsabilidade e participação. *Por cada indivíduo diferir entre si, de acordo com suas potencialidades, interesses, motivações, ritmos de aprendizagem, se explica a necessária diversificação do processo educativo* (MARINHO apud LEITE FILHO, 19 -:12).

Nossa dinâmica diária iniciava-se com a clássica *rodinha*. Em forma de círculo, sobre o chão, sentávamos a cada novo início de dia letivo. Este momento tinha por finalidade socializar os acontecimentos dos alunos, os recados coletivos e, principalmente, estabelecer a rotina de atividades que deveriam ser realizadas naquela aula. A *rodinha* permitia, também, a apresentação e aprendizagem de novos conhecimentos, e a correção de atividades. Tudo que era coletivo, que dizia respeito ao grupo, era exposto em *rodinha*.

As sessões de *rodinha* são essenciais para promover a integração do grupo e o seu envolvimento com o resto do trabalho escolar. Nessas *rodinhas*, eles comentam os acontecimentos de suas vidas em família, apresentam brinquedos ou objetos curiosos, decidem o que ou como vão fazer alguma coisa, combinam, entre si, as regras de convivência e trocam toda sorte de experiência sobre os mais variados assuntos (RIZZO, 1998:74).

Nossa *rodinha* tinha por objetivo à estruturação de uma rotina diária. Após serem estabelecidas, as atividades acordadas ficavam expostas no quadro-negro, a fim de serem cumpridas por todos os alunos. Todos deveriam realizar as atividades propostas, porém, cada um no seu tempo, seguindo a ordem que achasse melhor.

Ao todo lecionei para cinco crianças: três meninos e duas meninas. Estas, de doze e treze anos, eram portadoras da Síndrome de Down. Sabiam ler e escrever, porém, possuíam um pouco de dificuldade na compreensão de textos longos e no desenvolvimento de cálculos matemáticos.

Ambas eram oriundas de famílias bem sucedidas economicamente e esclarecidas a respeito de suas síndromes. Seus familiares buscavam, o máximo possível, mantê-las inseridas na sociedade. Paralelamente a escola, frequentavam cursos de arte, balé e teatro. Eram acompanhadas permanentemente por profissionais da saúde, que orientavam seus familiares a melhor lidarem com suas dificuldades. Suas fonoaudiólogas buscavam trabalhar junto à escola, a fim de facilitar suas aprendizagens.

Eram crianças, mais que o rótulo recebido por fugir da ‘normalidade’, especiais. Eram meninas adoráveis, com semelhanças e diferenças que as uniam. A Síndrome de Down as tornavam ‘iguais’, enquanto suas personalidades, antagonicamente opostas, ‘diferentes’. Isso, ao invés de fazê-las distantes, permitia uma amizade cada vez maior.

Fascinadas por novelas, as amigas discutiam diariamente os capítulos de todos os folhetins da Rede Globo, em especial o exibido às nove horas. Todos os dias, traziam à escola revistas semanais onde eram expostos os próximos acontecimentos das tramas globais.

Há quem acreditasse que elas assistissem televisão à noite inteira, já que sempre sabiam o ocorrido nos capítulos. Segundo suas mães, as meninas apenas assistiam novelas aos finais de semana, já que as mesmas acabavam muito tarde. Juntas, liam e discutiam as informações do periódico semanal e assim ficavam sabendo das novidades que aconteceriam nas tramas televisivas.

Meus outros três alunos, com média de dez anos cada, são meninos bastante caprichosos e interessados. Mostram-se, na maior parte das vezes, dispostos a produzir bons trabalhos. Apresentam facilidade na execução das atividades propostas. Chegam sempre com algo a ser dito: desde notícias, passando por relatos dos mais diferentes tipos de filmes, a situações rotineiras de suas famílias, integram o repertório de informações apresentadas por eles.

O espaço escolar dá importantes pistas sobre o não explícito na escola, daquilo que conhecemos como *currículo oculto* (JACKSON, 1968). Muitas vezes não conseguimos

observar, por exemplo, a distribuição do mobiliário de uma escola e a organização de seus murais como fatores de reafirmação de uma proposta de ensino.

Silva (2007:78) aponta que são *as características estruturais da sala de aula e da situação de ensino, mais do que o seu conteúdo explícito, que ‘ensinam’ certas coisas.*

Um currículo oculto é constituído por diversos aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes.

O que se aprende no currículo oculto são fundamentalmente atitudes, comportamentos, valores e orientações que permitem que nos ajustemos de forma mais conveniente às estruturas... o currículo oculto ensina, em geral, a reprodução, o conformismo, a obediência, o individualismo (Ibid, p.78-79).

Minha escola, teoricamente, não faz parte deste grupo de instituições de ensino que objetivam ‘alienar’ seus estudantes. Isso a Escola SOL nega-se a fazer. Ela acredita numa educação *libertadora* (FREIRE, 1987) que, diferente da *bancária* (Ibid, 1987), procura no conhecimento estratégias para transformar a realidade.

Em oposição a uma pedagogia pautada no diálogo, a educação bancária acredita que: *o educador é quem sabe, e os educandos são os que nada sabem, cabe àquele dar, entregar, levar, transmitir os seus saberes aos segundos. Saberes que deixam de ser de ‘experiência feito’ para serem de experiência narrada ou transmitida* (Ibid, p.34).

Contrário a esta visão, o Método Natural, o método de ensino norteador das atividades pedagógicas da Escola SOL, estimula os discentes a desenvolverem esquemas próprios de aprendizagem, naturais nos seres humanos, e a perceberem o conhecimento como forma de interferência na realidade.

Uma escola que segue esta metodologia diferenciada de ensino não reconhece seus alunos como seres sem conhecimentos ou expectativas de aprendizagem. Originalmente, o vocábulo *a-luno* remetia exatamente a este pensamento: um ser sem luz, passível da benevolência de um mestre, que o iluminaria com seu conhecimento, com o conhecimento docente. Pedagogicamente, esta expressão foi inutilizada, pois, como Paulo Freire bem expôs, *os discentes não são ‘vasilhas’, recipientes a serem ‘enchidos’ de conteúdos escolares pelo educador* (Ibid, p.33). A aprendizagem é fruto de uma série de estímulos e solicitações. E para que ela aconteça é necessário uma postura ativa do discente, que juntamente com o seu professor e o meio que estão inseridos, produzirá conhecimentos.

Como sabemos, *ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo* (Ibid, p.39). *O conhecimento só se dá quando é*

construído através da leitura e da reflexão, fundamentado na experimentação prática da realidade, quando há interação com o meio e com o objeto de estudo (RIZZO, 1998:9).



Os recursos empregados pelo Método Natural apresentam características marcantes de funcionalidade e de significação, associados a propostas criativas. Podemos dizer que a arte e a ciência são meios integrantes e integradores de todo o processo de ensino-aprendizagem. Elas se desenvolvem a partir de fatos ocorridos e desencadeiam situações de intensa aprendizagem. A arte, como forma de expressão livre do pensamento e das emoções, constitui-se parte fundamental do processo de conhecimento do mundo.



Numa escola ‘natural’ ao aluno é permitido expressar-se de diferentes maneiras. Um espaço aberto à expressão livre do pensamento deve ser construído no coletivo. Até mesmo a organização física da sala de aula interfere no desenvolvimento desse aspecto fundamental. Segundo Gilda Rizzo:

Fotos: Arquivo Pessoal

as escolas não podem oferecer salas inóspitas, com carteiras isoladas, enfileiradas, sem espaço social livre... Os alunos antes de cumprir regras sociais rígidas e restritivas devem exercitar-se, com liberdade, para descobrir seus limites e os limites alheios (1998:80).

Um projeto pedagógico, como o da Escola SOL, que privilegia a integração entre os sujeitos que compõem seu corpo escolar e a participação ativa de todos eles na construção de conhecimentos, adota uma postura inovadora frente a tantas práticas pedagógicas existentes, grande parte delas pouco pautadas na criticidade e na reflexão.

A necessidade de um espaço físico e de uma organização que contemple, além de questões técnicas, valores, faz-se necessário uma vez que este posicionamento sensível a múltiplos fatores fomenta um novo tipo de prática educacional, defende uma postura mais humana, que vê seus alunos individual e coletivamente.

É necessário compreender que a organização de um prédio escolar atende a uma lógica, a um currículo e a um objetivo educacional. *Não há espaço vazio, nem de matéria,*

nem de significado (LIMA apud RAMOS, 2009:1). Uma crítica quanto a arquitetura escolar possibilita maior compreensão do projeto pedagógico nela desenvolvido.

Ao analisar a estrutura física de uma instituição de ensino poderemos nos questionar e, provavelmente, responder a questões fundamentais, como: que tipo de aprendizagem essa escola constrói com seus alunos? E, que tipo de alunos/ sujeitos essa escola deseja construir a partir do conhecimento que oferece a eles?

A Escola Sol foi idealizada para ser um espaço aberto ao conhecimento. Um conhecimento, porém, construído de maneira distinta da maioria das instituições escolares. Sua proprietária e diretora, Teresa Fernandes, relatou que sempre estudou em escolas tradicionais de ensino, onde os conteúdos escolares eram transmitidos de maneira *desumana*. Por isso, encontrou dificuldades ao longo de sua vida escolar. Segundo ela, nessas instituições, *conhecer significava decorar*. Mesmo não entendendo e compartilhando essa filosofia, teve que se enquadrar ao estilo de aprendizagem oferecido. Certa vez, porém, percebeu que *decorar não era sinônimo de aprender*. O nervosismo comum em dias decisivos fazia-lhe esquecer coisas que considerava rotineiras. Quando prestou vestibular, por exemplo, sentiu que muitos conteúdos *havia desaparecido de sua memória*.

O conhecimento é produto das relações dos seres humanos entre si e com o mundo. Para isso, para haver conhecimento, é necessário que reconheçamos situações, passemos a compreendê-las, busquemos respostas para tais e respondamos adequadamente as mesmas. De forma alheia a essa, o sujeito apenas memorizará conteúdos escolares. Embora reconheçamos a importância da memória, *a simples memorização, desvinculada do esforço de compreender, não é conhecimento* (BARRETO, 1998:56).

Partindo do pressuposto que, memorizar, grande parte das vezes, não significa aprender, dona Teresa começou a idealizar uma escola baseada na experimentação, no conhecimento construído sobre a prática. Para melhor estruturar seu sonho, buscou um método de ensino com ideais semelhantes aos seus. Encontrou no Método Natural orientações quanto aos recursos didáticos necessários para pôr em prática o seu sonho: construir uma escola repleta de sentidos.

O espaço físico que comporta essa realidade, não mais um sonho, é uma casa, de tamanho limitado para uma escola, no final de uma tranquila rua do bairro do Ingá, município de Niterói. Nesta residência, há muitos anos atrás, viveu a família de dona Teresa. Com o tempo, pôde-se perceber um forte apego emocional da mesma com esse espaço. Poderíamos, até mesmo, afirmar que a Escola SOL é a continuidade da casa de sua diretora. Ou, que esse

espaço ‘é ela própria’. Uma forte relação de amor e zelo foi estabelecida entre essa senhora e sua escola.

Essa forte ligação, sujeito-espaço, permitiu a construção de uma instituição de ensino com características particulares. Muitas cores e trabalhos escolares, produzidos pelos alunos, agregam vida àquela casa. Acredito que alguns diferenciais estruturais dão conta de nos mostrar o que essa instituição acredita ser importante para seus alunos. Espaços próprios para o ensino de arte, laboratório de ciências e de informática são apenas três, das muitas pistas, que podemos analisar acerca da filosofia educacional dessa escola.

Por todo o visto, admito que me questionei se conseguiria adaptar-me a este ambiente tão diferente de tudo o que havia visto e pensado. Eram muitas mudanças, pequenos detalhes que juntos davam corpo a uma instituição de ensino diferente, quando o assunto é educar autônoma e criticamente.

Nesta escola vi na prática o que, muitas vezes, só tive a oportunidade de discutir teoricamente. Tive a certeza que é possível ensinar os conteúdos escolares sem precisar recorrer a cópias, deveres sem sentido ou ‘decurebas’. As crianças, matriculadas nesta instituição de ensino, trilham desde o maternal o caminho da autonomia e da criticidade. Isso é visível aos olhos de qualquer um. Surpreende até mesmo à esta imatura professora que vos escreve.

Desejo, a partir de minha prática docente, reafirmar a possibilidade de uma educação voltada para a emancipação do aluno, para uma formação que dê conta de dotá-los de capacidade, principalmente de escolhas.

Como professora recém chegada ao mercado de trabalho, trago comigo sonhos. E, torço para que os mesmos nunca se percam. Desejo que o entusiasmo que me motiva lecionar, aumente cada vez mais; que eu consiga lidar com as dificuldades que surgirão em minha trajetória docente, como lidei com as que surgiram neste curto período de experiência, que eu as faça insignificantes lado ao meu desejo de bem realizar minha função de educadora.

Capítulo II

ALGUMAS EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA SOL

A experiência produz conhecimentos. A experiência vivida constitui-se a única fonte do verdadeiro saber (MARINHO apud LEITE FILHO, 19 –:12).

A Escola SOL, assumindo como eixo metodológico o Método Natural, objetiva levar seus alunos a construir seus próprios conhecimentos, a partir da realidade que os cercam. Dessa forma, considera fundamental a vivência de inúmeras situações. Diariamente, em contato com muitos estímulos, os discentes vão estruturando suas aprendizagens.

Neste último ano, em dois mil e nove, aprendemos muitas coisas através de diversas atividades diferentes. Neste capítulo relatarei alguns desses momentos. Os narrarei a fim de inscrever situações habituais que permitiram inúmeras aprendizagens aos meus alunos e, da mesma forma, a mim, professora. Com elas compreendi que o conhecimento é a soma de inúmeros pequenos momentos, todos eles juntos faz com que aprendamos algo. Esses momentos, como um quebra-cabeça, se unem para apresentar-nos coisas novas, coisas que até então não tínhamos conhecido.

As duas experiências que relatarei dizem respeito a atividades que se desenvolveram de forma inesperada. Ao longo de suas construções fomos, meus alunos e eu, percebendo a dimensão ampliada que os nossos projetos foram tomando. Dessa forma, tivemos que lidar com diversas situações que permitiram inúmeras aprendizagens.

A primeira atividade a ser descrita foi a elaboração do jornal da nossa sala de aula, o jornal do quinto ano. Com este impresso conseguimos estimular a produção de textos repletos de identidade. Visto que, com o jornal as produções dos alunos cumpriram a função social da escrita, uma vez que os textos produzidos não se limitaram a produções à serem avaliadas, foram lidas pelo ‘público’ da turma. Freinet, já havia salientado este aspecto quando idealizou a produção de jornais para estimular uma escrita livre. Segundo este autor, *as redações escolares não passavam de textos artificiais, sem sentido, nem propósito, a não ser o da avaliação* (1976:21). Os textos livres, escritos a partir da vontade dos discentes, aqueles escritos para fazerem parte dos jornais, desempenham a função que todos os textos escolares deveriam cumprir: permitir a expressão total dos alunos.

Com a produção do Jornal Solar conseguimos, mais uma vez, compreender que o ensino não é a reprodução de informações, mas um processo constante de iniciativas

individuais e coletivas que buscam uma aprendizagem baseada em todos os conhecimentos adquiridos.

2.1- O Jornal Solar:

Nas linhas que seguem, descreverei o processo de confecção do Jornal Solar. Relatarei alguns momentos, desde a idealização à produção deste impresso escolar. A partir desta atividade, junto com meus alunos, cheguei a algumas reflexões acerca da aprendizagem infante-juvenil.

A produção de um jornal escolar oportuniza e estimula uma infinidade de ações, de experiências e de vivências, entre os vários atores envolvidos que irão enriquecer e favorecer o processo de ensino-aprendizagem (CUNHA, 2008:14).

Meses após o início do ano letivo, enquanto estudávamos a respeito dos meios de comunicação, decidimos produzir um jornal, uma publicação que tem por objetivo relatar e discutir fatos ocorridos. Estabelecemos que nosso folhetim seria diferente, manteríamos a estrutura habitual desse meio de comunicação: com reportagens, manchetes e imagens, mas nele relataríamos os acontecimentos de nossa escola.

Juntos escolhemos seu nome: Jornal Solar. Como forma de homenagear nossa instituição de ensino decidimos atribuir este nome ao nosso jornal. Estabelecemos, também, que sua distribuição seria bimestral, visto que lidaríamos com inúmeros acontecimentos ao longo dos meses.

Para sermos fiéis à este meio de comunicação, decidimos fazer de nossa sala de aula uma redação, espaço destinado a produção de jornais. Da mesma forma, pesquisamos o necessário para que nosso impresso fosse como os que conhecemos. Após estarmos cientes das atribuições, estabelecemos nossas funções: a mim foi atribuído o cargo de redatora-chefe do Jornal Solar e aos meus alunos coube a função de repórteres e ilustradores do mesmo.

Após conhecermos e entendermos mais acerca desse meio de comunicação tão popular, começamos a delimitar o que cada ‘repórter’ escreveria. Todos estavam cientes que os assuntos deveriam estar, de alguma forma, ligados à nossa escola. Partindo do conhecido, do que a maioria dos jornais apresentavam, decidimos os tipos de colunas que a primeira edição do Jornal Solar contaria. Iniciamos a estruturação de nosso folhetim a partir da confecção dos logotipos dessas colunas. As mesmas se manteriam na próxima edição.

Meio as ‘reportagens’, alguns desenhos ilustravam os relatos. Uma charge foi produzida a fim de divertir os leitores. Da mesma forma, a última página de nosso jornal foi destinada a entretê-los, uma cruzadinha acerca da Escola SOL foi montada pelos alunos na coluna ‘Diversão’.

As instituições escolares tem priorizado a leitura de textos verbais, em detrimento dos textos não-verbais. Entretanto, trabalhar com imagens é criar situações estimuladoras de leitura, o que nos auxilia, ajuda a escola no cumprimento de sua função primordial: formar leitores competentes. Dessa forma, além das inúmeras ‘reportagens’, nosso jornal contou com alguns textos imagéticos, estimuladores de leituras, neste caso a não-verbal.

A reportagem principal desta edição constava na página da ‘Cultura’. A manchete: *Alunos da Escola SOL visitam a casa de Ruy Barbosa*, nomeava esta parte de nosso jornal. Ali foi descrita a ida à Fundação Casa de Ruy Barbosa, no bairro de Botafogo, Rio de Janeiro. Numa descrição minuciosa, Matheus Cunha, o autor desta ‘reportagem’, escreveu sobre aquilo que viu durante a visitação e, principalmente, deixou transparecer o que sentiu ao percorrer a casa do abolicionista baiano.

Esse aluno explicitou, em seu texto, a surpresa com que viu o imenso quintal da casa de Barbosa, muito bem cuidado e florido. A biblioteca particular de Ruy Barbosa, onde existem mais de trinta e sete mil exemplares de livros, em diversas línguas e que, segundo nossa guia, foram completamente, sem exceção, lidos por seu dono, impressionou aos alunos. A riqueza da casa, com seus “*tetos enfeitados*”, foi descrita no texto de Matheus e virou nossa primeira matéria do Jornal Solar.

Este mesmo aluno ficou responsável por apresentar aos leitores da Escola SOL ‘Novidades’. Nesta coluna, Matheus indicou dois filmes que o agradou bastante. Após uma breve resenha sobre ‘As crônicas de Nárnia: o príncipe Caspian’ e ‘Max Payne’, o discente esclareceu a classificação etária destas obras cinematográficas e as avaliou com três e quatro estrelas, respectivamente. Sua grande afeição por livros, filmes e jogos eletrônicos permitiu que se tornasse nosso crítico de arte.

Ser o autor da matéria da coluna de ‘Esportes’ foi a grande sensação. Os meninos adoraram a idéia de comentar a respeito das mais diferentes modalidades esportivas. Após uma grande concorrência, Miguel Marra ficou responsável por escrevê-la. Esse aluno optou por homenagear o professor de educação física da escola. Após ter aula com este docente, manteve-se próximo do professor, a fim de entrevistá-lo. Quis saber quais esportes praticava e em que essas modalidades esportivas beneficiava a sua vida. O professor Miguel Ângelo

expôs que o esporte permitiu que conhecesse lugares diferentes, vivenciasse novas culturas e conquistasse muitas amizades, já que precisava viajar com a equipe que disputava futebol.

Como seu colega, Miguel ficou responsável por mais uma coluna: a de ‘Experiências’. Por essa prática ser comum em nossa sala de aula, ele não teve dificuldades para escrever esta ‘matéria’. Na época da produção da primeira edição do *Jornal Solar*, havíamos terminado de montar nosso terrário. Num recipiente de vidro simulamos nosso habitat natural, a Terra. Com ele pudemos perceber detalhadamente como se dá a vida dos seres vivos, animais e vegetais, o ciclo da água, do oxigênio, a fotossíntese. O terrário nos permitiu explorar os passos da investigação científica: observação, registro, questionamento, experimentação e conclusão. Com ele começamos a fazer ciência exatamente como os cientistas.

Por todo processo de construção de conhecimentos necessitar de momentos empíricos, que se apoiem exclusivamente na experiência e na observação, e não em teorias, elaboramos muitas atividades como a descrita. Experiências práticas, como a construção do terrário, permitiu que compreendêssemos detalhadamente espaços complexos como o planeta Terra.

A experimentação, na escola, mantêm-se numa tensão entre prudência e audácia, entre uma saída para a especulação e uma constante submissão à experiência (COQUIDÉ, 2008:12). Devemos, portanto, buscar estruturar a aprendizagem de nossos alunos a partir da prática, mas não apenas sobre ela. Uma experiência deve estar acompanhada de uma forte base teórica, que explicará os resultados obtidos. Fora disso, não havendo uma forte ligação entre teórica e prática, uma possível investigação se reduzirá a uma *especulação científica* (Ibid, p. 18).

Uma outra experiência, dessa vez realizada por quase todos os alunos da Escola SOL, foi objeto de análise e registro de Flávio Marchi, na coluna ‘Tempo’. No primeiro mês de aula, uma horta foi montada por todos os alunos do ensino fundamental, do primeiro ao quinto ano. Nas primeiras semanas, muitas crianças disputavam espaço entre as pequenas mudinhas plantadas por elas, queriam regá-las e vigiar seu crescimento. Com o passar do tempo, podíamos perceber que tanta dedicação diminuía, e começava a crescer matos entre as sementes que ousavam germinar, no solo já ressecado pelo excesso de sol e pouca água.

Esse abandono chamou a atenção de minha turma. Meus alunos decidiram relatar o ocorrido, dando ênfase à ação do tempo na plantação. Além disso, começaram a dedicar-se a cuidar das mudinhas já quase sem vida.

Flávio, como seus colegas, dedicou-se a escrever uma segunda coluna. Esse espaço apresentou uma ‘Receita’ da tia Cheila, cozinheira da nossa escola. Após entrevistá-la, o aluno pediu que apontasse um lanche delicioso e fácil de fazer. A mesma deu a receita de um

hambúrguer caseiro que, segundo ela, além de muito gostoso, é muito prático e rápido de se preparar.

Por fim, Laura Braune e Mariana Simão escreveram a respeito de suas ‘Novelas’ preferidas. ‘Caminho das Índias’ e ‘Caras e Bocas’ foram as tramas selecionadas. Após desenharem as personagens preferidas de suas novelas, as alunas escreveram acerca do enredo que as envolvia.

Vale salientar que os assuntos abordados foram escolhidos pelos alunos, segundo seus interesses. No último caso relatado, de Laura e Mariana, falar sobre as referidas novelas foi fator preponderante e decisivo para a realização deste trabalho, já que as meninas se interessavam demasiadamente por este assunto.

A confecção do Jornal Solar levou aproximadamente uma semana. No dia dezesseis de junho realizamos o coquetel de lançamento do nosso jornal, com direito a ‘comes e bebes’: sucos e hambúrgueres, como na nossa receita. Neste dia, reunimos todo o corpo escolar para apresentar nosso trabalho, cada aluno disse sobre o que escreveu. Após essa apresentação, meus alunos distribuíram cópias do Jornal Solar aos colegas e foram parabenizados por inúmeros familiares.



Lançamento da primeira
edição do Jornal Solar
– junho de 2009 –
Fotos: Arquivo Pessoal

O Jornal Solar beneficiou minha turma em vários aspectos. Para fazê-lo, passamos por inúmeros momentos, diversas fases: tivemos que conhecer o assunto, saber mais sobre jornal; projetar o nosso jornal, o Jornal Solar, planejar como queríamos que fosse, definir o que nele teria; selecionar e escrever sobre experiências importantes, repensar os textos escritos, organizá-los e expô-los.

Cada uma das partes é parte indissolúvel de um processo, cujo resultado – a publicação do jornal – é menos importante, mas nem por isso pouco importante, do que o próprio processo. É no percurso, no trajeto, no caminhar, que vão se imprimindo as várias *histórias* de que o jornal se constitui (IJUIM, 2005:41).

Como qualquer meio de comunicação, o jornal tem um propósito básico e fundamental: comunicar algo à alguém. Busquei que meus alunos compreendessem isso: que o texto de um jornal deve ir além de um outro qualquer, tem que ser expressivo, nele devemos nos mostrar, dar nossas opiniões, reivindicar direitos, melhorias, a partir dele nossas palavras poderão ser ouvidas.

Para que as ‘reportagens’ do Jornal Solar alcançassem este objetivo, algumas interferências aconteceram, por vezes, textos precisaram ser revistos. Escrever, com bem sabemos, exige esforço, dedicação. E assim minhas crianças lidaram com esta nova tarefa. Meus alunos mostraram-se bastante dedicados, envolvidos neste projeto e dispostos a fazerem um ‘jornal de verdade’. O resultado final foi muito satisfatório. Minha turma ficou muito contente ao ver o jornal que produziram. Os muitos elogios que receberam fizeram perceber que haviam realizado um bom trabalho.

Depois do lançamento, víamos nosso jornal por toda a parte. Enquanto alguns alunos liam as reportagens, outros se divertiam com a cruzadinha e com a charge.

Algumas propostas começaram a surgir: as alunas do quarto ano ofereceram-se para participar da próxima edição. Mas, precisávamos aguardar um pouco mais, nosso próximo jornal sairia após as férias de julho.

Mais que melhorar a auto-estima de meus alunos, que tiveram seus textos reconhecidos e elogiados por todos, o Jornal Solar contribuiu no andamento do restante de nosso ano letivo.

Para a próxima edição do jornal, estabelecemos uma maneira diferente de produzir as ‘reportagens’: faríamos textos coletivos, onde todos os alunos escreveriam. A turma seria responsável por todas as matérias expostas no Jornal Solar. Ao propor esta nova forma de trabalho, objetivei torná-los mais responsáveis pelo nosso impresso bimestral e, ao mesmo tempo, possibilitar uma maior divisão das tarefas. A princípio temi o fracasso dessa proposta, questionei-me se essa nova maneira de trabalho daria certo.

O que mobilizou a turma foi a questão da autoria dos textos. Queriam saber a quem pertenceriam as ‘reportagens’, já que todos, de alguma forma, interfeririam nas mesmas. Pensar num jornal de todos, onde todos produziriam tudo, à princípio assustou. Mas, quando, detalhadamente, expliquei como seria nosso trabalho, as crianças acalmaram-se, entenderam e toparam o novo desafio.

Tínhamos acabado de voltar às aulas, após um longo período afastados. As férias de julho estenderam-se devido a grande quantidade de pessoas infectadas com o vírus da Gripe A. Essas semanas a mais em casa fez com que nosso calendário escolar tivesse que ser repensado e muitas atividades revistas.

Toda a escola nos cobrava a segunda edição do Jornal Solar, produzi-lo era uma questão de honra. Tínhamos que nos dividir entre ele e as muitas atividades que a escola nos apresentava.

Na semana que voltamos às aulas, comemoramos os vinte e seis anos de nossa instituição de ensino, com grande festa. Na semana seguinte, estávamos entretidos com a arrumação, tardia, da comemoração do dia dos pais. Por incrível que pareça, em nossa terceira semana de aula, estávamos entre organização e ensaios para a festa julina, agora agostina. Esse ritmo frenético só aumentou, iniciamos os preparativos para a Feira da Criatividade.

Como o próprio nome indica, a Feira da Criatividade busca demonstrar o quanto nossos alunos são criativos e dedicados. Neste ano falamos sobre contos. Desenvolvemos esta temática a fim de conhecer suas diferentes vertentes. Desde os contos tradicionais, aos contos contemporâneos, todos eles foram estudados com o propósito de permitir a confecção de trabalhos para serem apresentados na Feira da Criatividade. Trabalhar com este estilo literário foi importante para melhor o conhecermos e introduzi-lo no ambiente escolar.

A partir de um tema central: ‘Quem conta um conto, aumenta um ponto’, decoramos toda a escola. Essa decoração, porém, foi com riqueza de detalhes e grandiosidade. Montamos murais, fizemos bonecos, livros gigantes... Foi um trabalho belíssimo e minucioso, e que exigiu muito tempo. Entre tantas tarefas, não pudemos deixar de lado a rotina diária, os conteúdos programáticos, atividades nos livros, fichas de fixação, cadernos...

Expondo tudo isso à eles, prevendo tudo o que teríamos que produzir, apresentei uma alternativa: prepararíamos nossas atividades da melhor maneira possível, como se tudo fosse ser exposto no jornal. Assim, utilizaríamos nossas atividades diárias no Solar. Semanas antes da entrega do original à xerox, faríamos uma reunião para organizarmos nossos textos, fazermos correções, ilustrações... Dessa forma, a produção de nosso jornal seria viável. De maneira contrária, poderíamos até fazê-lo, mas de forma não desejada.

Para nossa sorte, essa alternativa de trabalho deu muito certo. Os alunos produziram todas as suas atividades com o maior capricho, na incerteza de seu texto fazer parte da ‘reportagem’ do jornal da sala de aula, agora da escola. Muitas redações foram confeccionadas, vários assuntos abordados e, principalmente, destacou-se o alto padrão de escrita. As crianças procuraram escrever cada vez melhor seus textos, com muita personalidade e humor.

Em dois dias finalizamos essa edição. Seleccionamos alguns assuntos que se destacaram neste período de aula. Em grupo, os alunos liam os textos dos colegas, a fim de montar uma ‘reportagem coletiva’, a partir dos fragmentos de todos os textos. Como um quebra-cabeça, a segunda edição do Jornal Solar foi surgindo.

O jornal escolar como um processo, flexível e não autoritário, promove tanto iniciativas individuais, como também trabalhos participativos e/ou coletivos. Em outros termos, é processo de muitas mãos e, portanto, pode favorecer o desenvolvimento de um trabalho grupal (IJUIM, 2005:31).

Surpreendi-me com o resultado final. Dessa maneira, nosso impresso tornou-se mais consistente, tinha mais a cara de um jornal. A diferença entre a primeira e a segunda edição do Jornal Solar saltava aos olhos. Meus alunos, em poucos meses, evoluíram como discentes, como ‘repórteres’. Acredito que isso se deva ao comprometimento com que minha turma lidou com este projeto. Desde o início, agiram com muita maturidade e compromisso.

Tenho consciência que vários fatores permitiram que este projeto fosse tão bem sucedido. Primeiramente, acredito que a boa vontade de meus alunos foi fator decisivo para este êxito. Era possível perceber que escreviam para o Jornal Solar com entusiasmo. Buscavam, cada vez mais, aperfeiçoar sua escrita, visto que teriam seus textos expostos para toda a escola. Outro ponto favorável foi o número de discentes que possuía. Realizar um trabalho como esse, com apenas cinco crianças, é muito prazeroso. Podemos,



Distribuição da segunda edição
do Jornal Solar

– setembro de 2009 –

Fotos: Arquivo Pessoal

assim, despender mais tempo na análise dos textos, na correção e na orientação.

Mais que todos os fatores anteriormente descrito, acredito que a produção do Jornal Solar, com suas reportagens ligadas a vida real, estimulou o empenho dos meus alunos em relação a escrita das matérias que ali foram expostas. Dessa forma, as crianças conseguiram observar a finalidade de suas produções: comunicar mensagens, e se empenharam à conseguir bem alcançar o que as mesmas se propunham fazer.

O Jornal Solar surgiu como uma atividade burocrática, pois o livro didático assim pedia. De maneira limitada, vale salientar, tínhamos que preparar um jornal-mural, para expor em nossa sala de aula. A disposição de minha turma fez com que esse projeto se tornasse bem maior que o esperado.

O nosso jornal tornou-se a voz do quinto ano. A partir dele pudemos nos ‘mostrar’ à escola, fizemos com que todos lessem o que escrevíamos. O Jornal Solar trouxe auto-estima aos meus alunos e fez com que escrevessem mais e melhor. Esse artifício didático possibilitou-nos um crescimento gigantesco. Não sei se tínhamos consciência disso enquanto o fazíamos. Hoje, após reler algumas redações escritas ao longo do ano, vejo como minhas crianças ganharam neste aspecto. Seus textos têm algo que considero muito importante: identidade.

Esse tipo de jornal, produzido pelos alunos, há muitos anos vem sendo encarado como um eficaz recurso didático. *Ele tem sido desenvolvido nas escolas a fim de buscar exercitar textos livres e a aprendizagem* (SOBREIRO, 2002:126).

O pedagogo francês Célestin Freinet (1896-1966) foi um dos primeiros educadores a desenvolver este tipo de trabalho com seus alunos. Freinet apostou no jornal impresso como aliado indispensável no processo educacional. A partir de sua insatisfação com o método formal de ensino, arcaico e cerceador da liberdade, considerou a necessidade de livre expressão, por parte dos seus alunos. Segundo o mesmo, quando seus discentes assim agiam, apresentavam considerável melhoria no rendimento escolar.

A introdução do jornal no âmbito das salas de aula foi a solução encontrada para dar vazão à criatividade dos alunos. Para Freinet, a escola deveria estar intimamente ligada a sua realidade social externa, colaborando com todas as atividades produtivas e integrando seus alunos ao contexto histórico em que viviam. Por isso, considerou apropriado introduzir a imprensa na escola, como forma de permitir que seus alunos se expressassem e se envolvessem com temáticas atuais.

A produção de jornais, pelos estudantes, se tornou um dos símbolos da pedagogia freinetiana.

A escrita, para Freinet, é uma das formas de se exprimir o pensamento, tal como a palavra oral. No caso específico do jornal, *a criança, ao manifestar suas idéias, terá a satisfação de ser lida e se engajará na produção de novos textos* (FREINET apud SHIMIZU, 1984:31). Assim, cada vez mais aperfeiçoará seus esquemas de leitura e escrita, de aprendizagem. Visto que, o mesmo Freinet aponta que, *o processo natural da aprendizagem ocorre através de tentativas experimentais* (Ibid, p.33), a produção de jornais escolares propiciará aprendizagens. Essas, baseadas nas experiências, vão se articulando, evoluindo e aprimorando.

O jornal escolar, segundo as orientações de Freinet, deve ser inteiramente produzido pelos alunos, com mínima interferência docente. Desde a confecção dos textos até o processo de montagem das páginas e impressão, todas as etapas do trabalho devem ser supervisionadas pelos discentes. Isso atribuirá pertencimento ao impresso da turma.

Ao adotar o jornal como principal elemento de seu método pedagógico, Freinet dedicou especial atenção à forma como ele seria produzido. Cada etapa de elaboração recebeu orientações detalhadas, que iam desde o melhor modo de montar as páginas até o uso das tintas para impressão. Sobre a produção de jornais dentro da escola, Freinet escreveu um pequeno livro, intitulado *Lê Journal Scolaire – O Jornal Escolar* – que pode ser considerado um verdadeiro manual sobre como a imprensa escrita deve fazer parte do cotidiano dos estudantes (SOBREIRO, 2002:149).

Mais que orientações de como pôr em prática, de como estruturar um jornal escolar, Freinet, em diversos momentos, expôs a necessidade da livre expressão dos autores deste impresso. Segundo ele, um texto produzido desta forma, sem limitações, terá como base o convívio do aluno com o ambiente o qual faz parte. Assim, a produção do mesmo se dará muito mais fácil, *naturalmente*, já que os discentes lidarão com conhecimentos adquiridos.

Assim como Célestin Freinet, Heloísa Marinho, idealizadora do Método Natural, acreditou no jornal, como estratégia didática, quando estruturou seu método de ensino. Segundo ela, *produzir o jornalzinho da classe se constitui numa experiência notável que envolve toda a turma e, muitas vezes, toda a escola e família* (MARINHO apud RIZZO, 1981:179).

Essa predisposição para realizar as matérias do jornal escolar *se deve ao fato dos alunos estarem constantemente em contato com o mundo real* (RIZZO, 1981:180), o que é possibilitado por esta atividade. Da mesma forma, os discentes se interessam por produzir o seu impresso já que serão os autores e protagonistas deste trabalho.

E assim agimos na produção do Jornal Solar. A partir dos conhecimentos dos alunos, daquilo que eles já tinham vivenciado, foi estruturado nosso jornal. Nossas matérias foram idealizadas e produzidas por eles. Esse espaço foi plenamente compreendido como destinado

às suas expressões. Nele, meus alunos se ‘mostraram’, expressaram suas idéias, seus gostos, suas vontades.

2.2- Sarau Literário:

Neste momento, narrarei como se deu o planejamento e a realização de uma das atividades práticas que mais envolveu os meus alunos. Por esse motivo optei por descrevê-la nesta monografia. O Sarau Literário conseguiu despertar interesse nos discentes da Escola SOL. Suas atividades propostas os atraíram de forma especial. E, principalmente, contribuiu para a aprendizagem de diversos assuntos.

No dia 15 de julho de 2009 ocorreu algo interessante na Escola SOL: o sarau literário. O sarau foi muito legal, realizamos várias brincadeiras divertidas envolvendo sempre o tema: contos. Nesse dia fui o primeiro a chegar e, imediatamente me dirigi à sala de aula. Quando cheguei lá, a vi muito diferente: estava completamente arrumada, todas as mesas continham saquinhos com cartõezinhos ilustrados. Encontrei, também, outros cartões na cadeira da minha professora. Achei que fazia parte do sarau, mesmo assim perguntei para que serviam. Ela respondeu: ‘É segredo...’. ‘Bom, se é segredo tudo bem!’, pensei. Ao longo do tempo todos foram chegando, trazendo suas contribuições (os lanches para a festa). Quando chegaram todos, começou o sarau. Nós nos divertimos pra valer, enquanto saboreávamos uma comida deliciosa. Foi um dia maneirão! (Matheus Cunha: Jornal Solar – set. de 2009 –).

Durante uma aula de história do Brasil, descobrimos que a família real brasileira oferecia à sua corte festas animadíssimas. Nesses encontros haviam recitais de poesias, músicas, danças... muita arte.

Saber disso me fez cogitar a organização de uma festa como essa. Ainda em pensamento, supunha como deveria ser interessante promover um sarau.

Segundo o Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos, *sarau é uma reunião festiva em que se passa a noite dançando, tocando... É onde se reúnem os amantes das letras, para recitação e audição de trabalhos em prosa ou em versos* (1969:341).

Pelo que lemos, todos os convidados escolhiam as mais belas vestes para ir à esta festa. Lá era servido comidas e bebidas sofisticadas. Por longas horas, os convidados se divertiam. Ouviam muita música e dançavam.

Esse clima festivo me fez decidir reproduzir um sarau. Nós, a turma do quinto ano, fomos os anfitriões desta festa. Convidamos os alunos do quarto ano para compartilhar este momento especial. Nosso sarau, porém, optou por focar num estilo literário incomum neste

tipo de confraternização: os contos. Visto a aproximação da Feira da Criatividade de nossa escola, que falou sobre esta temática, planejei algumas atividades voltadas à este assunto.

Como nos tempos remotos, os convites para a festa foram pensados e confeccionados artesanalmente pelos que ofereceram o sarau. Nós, em grupo, os escrevemos. Da mesma forma, fomos ao quarto ano explicar em que consistia essa reunião, e convidá-los à participarem de nosso sarau literário.



No dia combinado, os alunos do quarto ano uniram-se a nós nesta experiência. Vieram dispostos a compartilhar muitas histórias e um delicioso lanche. Juntos, desfrutamos de uma tarde agradabilíssima.

Nossa sala de aula encontrava-se organizada de maneira diferente da habitual. Sobre as três mesas coletivas encontravam-se saquinhos transparentes, com alguns cartõezinhos ilustrados. No meio da sala, uma grande folha de papel, lápis de cores, hidrocores e gizes de cera esperavam as crianças. Uma música agradável dava ritmo ao nosso encontro. Não podemos esquecer de citar a parte mais saborosa: em nosso sarau havia um ‘banquete’, uma mesa de lanches que compartilhamos.

Para mostrar como os contos tradicionais são difundidos no mundo e conhecidos por todos, iniciamos nossas atividades lendo uma dessas histórias, até então uma incógnita. Ao ouvi-la, os alunos deveriam começar a ilustrá-la, coletivamente. Ao término da mesma, e de sua ilustração, as crianças, imediatamente, revelaram o nome desse conto recontado: Chapeuzinho Vermelho.



Fotos: Arquivo Pessoal

Na verdade, os discentes descobriram o título da história nos primeiros segundos de leitura. Ouvir que se passa numa floresta, e que uma “*dócil garotinha, vestindo um capuz vermelho, levaria doces para sua vovozinha*”, foi o suficiente para que todos quisessem, com o indicador ereto, tornar público o que todos, sem exceção, sabiam: o nome deste enredo

fabuloso. Por vezes, muitas vezes, enquanto continuava a leitura da história, pedia à eles, através de gestos, que não dissessem o título do conto. E assim fizeram. Ao “*foram felizes para sempre*”, como que em coro, suas vozes liberaram: *é Chapeuzinho Vermelho!*

A leitura deste conto não foi preponderante para a ilustração do texto. As crianças, como todos nós, possuíam conhecimentos suficientes para representar esta história. Prova disso, foram os desenhos obtidos em grupo. Uma riqueza de informações, nem sempre oriundas da edição lida, representavam Chapeuzinho Vermelho.



Foto: Arquivo Pessoal

Centenas de anos nos distanciam do surgimento deste conto. Charles Perrault foi quem o publicou pela primeira vez. Este parisiense no fim de sua vida, beirando os setenta anos de idade, lançou ‘*Histórias ou contos do tempo passado com moralidade*’ (1697), um livro onde inscreveu histórias contadas pelos mais velhos. Essa publicação rompeu os limites literários da época e alcançou públicos inimagináveis. Dessa forma, marcou um novo gênero da literatura, o conto de fadas.

A primeira versão de Chapeuzinho Vermelho, escrita por Perrault, se difere bastante da que comumente ouvimos. Chapeuzinho Vermelho, como a maioria dos contos, existe em muitas versões diferentes. A mais popular é a dos Irmãos Grimm, na qual Chapeuzinho e sua avó renascem após serem engolidas e o lobo recebe um castigo.

Na história de Perrault o lobo termina vitorioso, devora a menina e a avó. Na verdade, *Perrault não pretendia que essa história fosse um conto de fadas, mas uma história admonitória que ameaçasse deliberadamente a criança com seu final que provoca angústia* (BETTELHEIM, 2007:233).

Os Irmãos Grimm foram dois irmãos alemães que se dedicaram ao registro de vários contos infantis, ganhando assim muita notoriedade. Eles recolhiam, diretamente da tradição popular, as antigas narrativas, lendas ou sagas germânicas, conservadas pela tradição oral. Algumas de suas histórias são de fundo europeu, tendo sido também recolhidas por Charles Perrault.

A tradição oral foi, justamente, o fator que permitiu que contos como esse se mantivesse preservado ao longo dos séculos. Essa vertente literária se origina de uma época onde se narrava histórias ao redor de fogueiras. Oralmente, os mais velhos contavam histórias,

repletas de significados morais, às novas gerações, que, por sua vez, repassavam as mesmas à outros sujeitos. Dessa maneira, os contos mantinham-se sempre vivos.

Inspirados nesta prática narrativa, eu e minha turma de alunos sentamos em roda, com um papel e materiais de pintura ao centro. Simbolicamente, estávamos organizados como nossos ancestrais se organizavam para ouvir um conto. Em grupo, e em forma de círculo, compartilhamos a leitura da história da Chapeuzinho Vermelho. E, para fixar momentos importantes desse enredo, ilustramos esse conto tão conhecido.

Uma discussão acerca das peculiaridades deste estilo literário deu margem a uma longa conversa, a respeito de outros contos tradicionais.

O conto é notoriamente um gênero literário de difícil definição. Sabemos que deve ser estruturado em forma de narrativa e manter uma dimensão limitada. Dessa forma, seu texto deve ser conciso e penetrante. Seu enredo necessita do imprevisto, de acontecimentos fabulosos. Como no caso da Chapeuzinho, por exemplo, após comer a vovozinha, o lobo-mau teve sua barriga aberta à machadadas, para que a pobre velhinha saísse, sã e salva, de seu estômago.

A segunda atividade realizada, já nas mesas, em grupo, foi a produção de um conto, a partir de cinco imagens. As mesmas estavam contidas num saquinho transparente que, desde o início do sarau, estava sobre as mesas. Essas imagens foram agrupadas aleatoriamente, não tinham nenhuma ligação. Por exemplo, havia, no mesmo pacotinho, a imagem de um cachorro e de um avião. Essa miscelânea permitiu que os alunos usassem suas imaginações, já que estavam cientes que nos enredos fabulosos tudo é possível.



Foto: Arquivo Pessoal

Como esperado, a criatividade foi muito grande. Bolsa falante, pato de brinquedo que se torna real e malvado, cachorro voador... foram algumas das criações dos alunos. Eles deixaram a imaginação falar mais alto e produziram contos interessantes. Depois de prontos, cada grupo, um por vez, leu sua produção literária para os colegas, socializaram seus textos e divertiram a turma.

Num terceiro momento de nosso sarau literário, questionei se sabiam me dizer o nome de algum conto moderno e, principalmente, brasileiro. Pois, como ficamos sabemos, a partir das pesquisas que realizamos para a produção de nossa Feira da Criatividade, a grande maioria dos contos tradicionais remontam à Alemanha do século dezesseis, quando os Irmãos Grimm, os ‘pais dos contos de fadas’, começaram a registrar e a contar histórias fantásticas, sobre príncipes, fadas e bruxas. O silêncio sepulcral de minha turma me fez afirmar que os contos podem ser contemporâneos e nacionais. Meio a alguns exemplos, destaquei *A moça tecelã*, obra da autora ítalo-brasileira Marina Colasanti.

Esse conto relata a história de uma jovem tecelã, cansada de estar só no mundo. Para sentir-se feliz, a moça teceu para si um marido. Esse companheiro, porém, sabendo do poder do tear, ordenou que sua esposa tricotassem um luxuoso palácio, repleto de caprichos e riquezas. À jovem só cabia tecer. Sentindo-se usada e sozinha como nunca, a tecelã começou a desfazer tudo o que havia tecido. Em instantes, encontrava-se só como antes, mas dessa vez bem mais feliz.

Neste conto, a jovem tecelã possuía um tear mágico, que podia tornar real o que quisesse. Materialmente, podia satisfazer-se plenamente. Porém, a felicidade e o amor de seu marido não podia tricotar.

E se pudéssemos tecer o que quiséssemos, o que tricotaríamos? Com esta pergunta, pedi que as crianças desenhassem o objeto que almejavam conseguir. Um castelo gigantesco e alguns aparelhos eletrônicos destacaram-se entre muitos desejos. Jéssica Braga disse que sonhava morar num castelo, como uma princesa. Já Pedro Chalita gostaria de conseguir alguns robôs, movidos por controle remoto, para defender a população brasileira da violência urbana.

Logo após esta atividade, distribuí alguns contos contemporâneos brasileiros aos alunos. Selecionei algumas produções referentes a este estilo literário, na biblioteca da Escola Sol, e os apresentei para que conhecessem mais acerca dos contos modernos. Ainda em grupo, as crianças leram coletivamente o conto selecionado e, para toda a turma, comentaram as referidas produções.



Foto: Arquivo Pessoal

Neste sarau literário trabalhamos com os contos de uma forma leve e prazerosa. Em grupo, se divertindo e comendo, as crianças tiveram contato com esse estilo literário tão peculiar. Vivenciar os contos de forma diferenciada os fez participar ativamente da construção das atividades.

A conjuntura do mundo atual, onde impera a rapidez das situações e a síntese dos acontecimentos, fez com que os alunos se surpreendessem ao serem levados a diminuir o ritmo que orienta suas rotinas escolares, e orientados à ouvir histórias.

Tradicionalmente, histórias eram narradas oralmente e transmitidas de geração à geração. A constante falta de tempo, ocasionada pela rapidez exigida pelo mundo moderno, fez com que essa ação diminuísse drasticamente. Cabe, portanto, a escola buscar recuperar e estimular essa prática.

A escola é, hoje, um espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que qualquer outro, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente (COELHO, 2000:16).

Dessa forma, apresenta-se a importância das instituições escolares desenvolverem trabalhos pedagógicos a partir dos diferentes estilos literários. Os mesmos apenas beneficiarão o processo de ensino-aprendizagem. Pois, com eles os discentes poderão vivenciar inúmeras experiências que acrescentarão às suas vidas.

Com este encontro objetivei apresentar às crianças mais informações acerca dos contos. E, dessa forma, estimular a sua leitura. Acredito que, quando os alunos ouvem, e lêem, histórias, passam a conhecer uma série de coisas que de forma diferente seria pouco provável.

É através de uma história que pode se descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, filosofia,



Fotos: Arquivo Pessoal

direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1997:17).

O conhecimento adquirido através da leitura e da escuta de histórias, se estrutura de forma diferenciada dos outros tipos de conhecimentos. Quando a criança escuta ou lê, por exemplo, um conto, ela é capaz de comentá-lo, de indagar seus acontecimentos, de duvidar da realidade do seu enredo, de discutir, como um todo, a narrativa vivenciada. Dessa forma, a criança interage com a história e constrói conhecimentos. Esse confronto de idéias é de vital importância no processo de aprendizagem.

E foi, exatamente, este confronto de idéias que objetivei realizar com o Sarau Literário. Busquei com esta atividade um espaço para a troca de experiências, onde os alunos não se limitariam a ouvir histórias, seriam estimulados a expor o que entenderam do que ouviram.

Contrário a práticas tradicionais de leitura e escrita que, hegemonicamente, não valorizam a troca de conhecimentos, entre alunos e professores, e a reflexão acerca dos assuntos abordados pela escola, o nosso sarau permitiu que acontecesse uma constante ligação entre o narrado e o vivido. Assim, os alunos foram esquematizando mentalmente e, por conseguinte, graficamente, tudo aquilo que compreenderam. Dessa maneira, acredito que, de forma leve e prazerosa, tiveram contato com este estilo literário popular, porém, tão pouco utilizado entre os muros escolares.

POR FIM...

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, **quem forma se forma e re-forma ao for-mar** e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que **ensinar não é transferir conhecimentos**, conteúdos nem formar, é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. **Não há docência sem discência**, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem a condição de objeto, um do outro. **Quem ensina aprende ao ensinar** e quem aprende ensina ao aprender (grifos nosso) (FREIRE, 2002:12).

Recordo-me, como se fosse hoje, o dia que, pela primeira vez, cheguei à Escola SOL. Entre muitos sentimentos que me acompanhava, uma grande vontade de aprender sobressaía. Estar em sala de aula, após anos de formação pedagógica, foi fundamental para legitimar tudo aquilo que aprendi, e desejava por em prática.

Ao longo dos anos de estudo, compreendi que ser educadora é estar disposta a continuamente ser aprendiz, adquirir conhecimentos com tudo, e todos que nos cerca. Dessa forma, minha formação acadêmica foi apenas o início de uma longa trajetória, sem previsão de fim.

Mais que no curso de formação de professores, ou na faculdade de pedagogia, aprendi a ser educadora com os meus alunos. Eles me deram a certeza do que sou profissionalmente. Pode até soar estranho, esta minha última afirmação. Mas, a convivência diária com a minha turma permitiu que me reconhecesse como docente.

Ter regido meu primeiro grupo de alunos, numa realidade diferente da habitual, da tradicional, fez-me aprender mais que o esperado. Dar minhas primeiras aulas, envolta numa nova metodologia de ensino, exigiu que a cada dia buscasse reinventar minha prática. E assim fiz. Busquei tornar a aprendizagem de meus discentes, o máximo possível, prazerosa.

Tenho muito orgulho de ter começado minha vida profissional na Escola SOL. Nela aprendi muitas coisas. Aprendi, principalmente, a ser uma educadora. Meus alunos, nossa rotina diária e a equipe pedagógica com a qual trabalhei, foram fatores decisivos nessa formação. Eles, e muitos outros aspectos, constituíram a professora que sou.

Como bem salientou Paulo Freire, *quem ensina aprende ao ensinar* (2002:12). Compreendi na prática o verdadeiro significado de sua afirmação. Lecionando aprendi a ser professora. Este ofício, verdadeiramente, exige algo mais que formação. Na academia, porém, mantemos contato com alguns assuntos de forma superficial e estática. Na prática, somente nela, compreendemos suas reais necessidades.

No meu dia-a-dia compreendi a dinâmica de uma escola, mais especificamente, de uma sala de aula. Enfrentei desafios que só a rotina diária torna reais. Tive que aprender a lidar com uma nova metodologia de ensino, e torná-la aliada na tarefa de transmitir novas aprendizagens.

Tantas novidades fizeram-me pensar em registrar nesta monografia este meu primeiro ano de experiência. Pois:

Uma vida sem memória não seria uma vida, assim como uma inteligência sem possibilidade de exprimir-se não seria uma inteligência. Nossa memória é nossa coerência, nossa razão, nossa ação, nosso sentimento. Sem ela, não somos nada (19 –).

A última parte deste trabalho desenvolve-se a partir das palavras do cineasta espanhol Luis Buñuel, pois considero que as mesmas bem representam a essência desta monografia.

Sem memória nossa vida se reduz a nada. A memória atribui significado à nossa existência. Por isso, este trabalho foi produzido. Esta monografia objetivou narrar e registrar alguns acontecimentos ocorridos durante o meu primeiro ano de experiência profissional. Além de escrevê-las, busquei enfatizar a necessidade de valorizarmos os pequenos instantes de convivência com nossos alunos. Esses momentos, nem sempre valorizados pelo professor, permitem que se materializem muitos conhecimentos.

Uma pesquisa como esta, que reflete o ocorrido entre os muros escolares, na verdade, busca compreender a prática daqueles que estão envolvidos nesta realidade. Compreendendo-a, procura problematizar toda uma conjuntura educacional, principalmente, o trabalho desenvolvido pelos docentes, junto ao seu grupo de alunos.

Pesquisar a própria prática é fator preponderante na formação continuada de educadores. O espaço escolar oferece-nos respostas para muitos, senão para todos, questionamentos educacionais. Basta-nos sensibilidade para perceber o que sinalizam nossos alunos e toda a estrutura educacional que os rodeia.

Por acreditar nisso, na importância do professor se tornar um pesquisador de sua prática, optei por selecionar a Escola SOL, sua estrutura física e educacional, como *lócus* de minha pesquisa. Nessa escola, registrei algumas experiências que vivi com meus alunos. Esses momentos foram de grande importância e aprendizagem para todos.

Com esta monografia inscrevi parte de minha história na eternidade. Como dizia minha amada e saudosa avó, Lormira de Oliveira: *um lápis cumprido vence uma memória curta*. Segundo ela, se não mais temos uma boa memória, ou nos interessamos em resguardar nossos acontecimentos de um futuro impiedoso, quando o assunto é reter na consciência o que

já se passou, basta-nos registrar o ocorrido e, além do coração, guardá-los em folhas de papéis.

Dessa maneira, registrei esse ano tão importante em minha vida. Acredito, e torço para que muitas outras turmas de alunos possam *passar* por mim. E como essa, desejo que todas me *toque e me modifique*, me faça uma profissional melhor.

Esta monografia possibilitou-me, além de registrar algumas memórias, refletir, problematizar questões que, em outro momento, poderia desprezar. Compreendi, com isso, a necessidade de se valorizar as diferentes formas de corporificação da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 4 ed. São Paulo: Scipione, 1997.

BARRETO, Vera. **Paulo Freire para educadores**. São Paulo: Arte & Ciências, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BUÑUEL, Luis. **Memória**. Disponível em: <http://www.casacinepoa.com.br/os-filmes/roteiros/mem%C3%B3ria>. Acesso em 12 de dezembro de 2009.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COQUIDÉ, Maryline. **Um olhar sobre a experimentação da escola primária francesa**. França: Aster, 2008.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Lexikon, 2007. *Confiar*; p.126.

CUNHA, Rosana Cristina da. **Jornal Escolar: do letramento à cidadania**. São Paulo: Ática, 2008.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. **Pesquisa com o cotidiano**. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 09 de outubro de 2009.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. São Paulo: Artmed, 1999.

FREINET, Célestin. **O jornal escolar**. Lisboa: Estampa, 1976.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'água, 1997.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Jornal escolar e vivências humanas: um roteiro de viagem**. Bauru: EDUSC, 2005.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf>. Acesso em: 05 de junho de 2009.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **Descrição de uma diva**. Disponível em: <http://singrandohorizontes.blogspot.com/2008_12_01_archive.html>. Acesso em: 01 de setembro de 2009

NOVO **Dicionário Brasileiro Melhoramentos**. São Paulo: Ática, 1969. Vol. V.

RAMOS, Gerusa. **O espaço e o cotidiano: relação dialética marcando a prática pedagógica**. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/RAMOS.pdf>>. Acesso em: 14 de outubro de 2009.

RESENDE, Juliana. **Domenico de Massi adverte: “Escola é inimiga do ócio criativo”**. Disponível em: <<http://www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0019.asp#topo>>. Acesso em: 08 de agosto de 2009.

RIBEIRO, Solange. **Espaço escolar: um elemento (in)visível no currículo**. Disponível em: <http://www.uefs.br/sitientibus/pdf/31/espaco_escolar.pdf>. Acesso em: 14 de outubro de 2009.

RIZZO, Gilda. **Alfabetização Natural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

RIZZO, Gilda. **Fundamentos e metodologia da alfabetização: método natural**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOBREIRO, Marco Aurélio. **Célestin Freinet e Janusz Korczak, precursores do jornal escolar**. In Baccega, Maria Aparecida (org.), *Gestão de Processos Comunicacionais*. São Paulo: Atlas, 2002.

SHIMIZU, Dayse Maria Alonso. **O Método Natural de Freinet, pedagogia alternativa para alfabetização**. 125 f. Dissertação de Pós-graduação em Psicologia Educacional. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1984.

VANDERLINDE, Tarcísio. **A morte do tempo**. Disponível em: <<http://borkenhagen.net/manifestos/morte.htm>>. Acesso em: 08 de agosto de 2009.